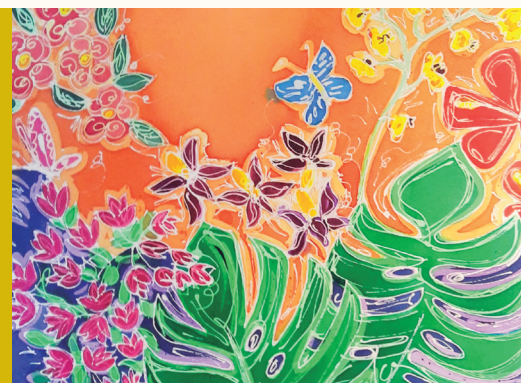


# RALED

VOL. 18 (1) 2018



RESEÑA

Emediato, Wander (org.) (2016)  
*Análises do discurso político*

336 pp. Belo Horizonte: Editora FALE/UFMG  
ISBN 978-85-7758-290-7

---

**KARINA CORRÊA LELLES<sup>1</sup>**

Universidade de Brasília (UNB)  
kalelles@hotmail.com

O discurso político é objeto de interesse e investigação de pesquisadores/as que atuam em áreas diversas, tais como ciências sociais, linguística, psicologia, literatura e outras; e a obra organizada por Wander Emediato reflete isso. *Análises do discurso político* é uma publicação do Núcleo de Análise do Discurso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que ao perceber a recorrência do tema *discurso político* em obras anteriores, decidiu publicar um livro específico sobre isso.

Na obra, dividida em 16 capítulos, encontramos variados objetos de análises, entre os quais podemos citar: o *Mídia Ninja*, o filme *NO*, a carta testamento de Getúlio Vargas, a causa das Malvinas na Argentina, o discurso de presidentes do México. É relevante ressaltar que a diversidade geográfica de origens dos/as autores/autoras que contribuem para a obra também expande a possibilidade de análises de diferentes discursos que representam acontecimentos locais ao redor do mundo, o que torna a leitura ainda mais interessante.

Os artigos deste livro mostram que o discurso político não é apenas aquele proferido pelo ator político, mas também se manifesta em vários outros gêneros do discurso (Bakhtin, 1997), tais como uma propaganda partidária, um filme, uma matéria de jornal, que estão entre os objetos de análise discutidos neste livro. Assim, todos/as os/as autores/as que contribuem com esse livro nos convidam a fazer uma reflexão profunda sobre o discurso político e suas possibilidades analíticas por meio de métodos que se adequam à realidade de cada pesquisa.

Em tempos em que a democracia é mais discurso que ação, ter instrumentos para perceber as armadilhas contidas nos discursos políticos pode ser recurso valioso para quem quer enxergar “por trás das entrelinhas” dos textos escritos ou falados. Assim, além de ser uma produção acadêmica, esta obra também é uma contribuição social.

No primeiro capítulo, Wander Emediato foca numa característica comum do discurso político: a mentira. “Seria possível fazer um discurso político comprometido com a verdade ou a política é a arte da mentira que deve apaixonar e conformar o eleitor?” (p. 47), questiona o autor, enquanto problematiza a mentira e as suas dimensões na ação retórica e discursiva dos agentes políticos.

O populismo e o discurso populista se encontram presentes tanto nos discursos da direita como nos de esquerda, afirma Patrick Charaudeau no segundo capítulo. Para ele, o populismo sempre nasce de uma situação de crise social que pode ser variável de acordo com o país e a época em que ocorre. O discurso populista, fazendo parte do discurso político, é então uma estratégia de manipulação. Charaudeau afirma que “o populismo não é um regime político, mas uma estratégia de conquista ou de exercício do poder sob o manto da democracia” (p. 65).

Paul Bacot critica o uso da linguagem cotidiana nas pesquisas acadêmicas das ciências políticas. O problema, para o autor, está no fato de que a linguagem acadêmica deve romper com o senso comum e com as imprecisões do discurso ordinário; e o uso de um léxico comum não atingiria esse objetivo. Isso seria necessário para que o discurso das ciências políticas não se aproximasse de um discurso político ao utilizar um léxico comum a este.

---

1 Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, atualmente realiza estágio pós-doutoral na área de análise interdiscursiva de políticas públicas na Universidade de Brasília/PPGL. Bolsista PDJ do CNPq. kalelles@hotmail.com

O texto de Paulo Bacot contraria a tradição filosófica de Wittgenstein (1979), que afirma que a língua ordinária é a aquela que é realmente capaz de representar o mundo como ele é, já que ela é falada pelo povo. As imprecisões da língua ordinária podem ser desfeitas, de acordo com Wittgenstein, compreendendo o significado das palavras dentro do jogo de linguagem no qual ela é usada. Francisco Sánchez (1984), desde 1851, período da renascença portuguesa, já nos alertava sobre os perigos das ilusões causadas pela linguagem usada pela ciência, que, pelo grau de formalidade, pode nos convencer a acreditar em afirmações falsas ou verdades ultrapassadas. Ou seja, a linguagem acadêmica não garante a veracidade da informação científica, além de muitas vezes limitar a compreensão das pessoas comuns. Assim, a partir desse contraponto, surge a seguinte questão: a linguagem acadêmica, tão distante da língua do dia a dia, não se tornaria ainda mais distante então da verdade do que o próprio discurso político?

Maria Eugenia Flores Trevino e José Maria Infante Bonfiglio pesquisam o tema da *segurança*, analisando pronunciamentos do ex-presidente do México, Felipe Calderón, e do atual mandatário, Henrique Pena Neto, para compreender a construção do imaginário nos recursos empregados: atos linguístico-discursivos, processos discursivo-ideológicos e estratégias empregadas na produção de imagens. A segurança é uma necessidade no combate de diferentes tipos de violência, e usá-la para convencer o povo a aderir às ideias e ações de um político parece ser uma arma poderosa de persuasão. Este artigo nos ajuda a compreender como o discurso político pode fazer essa adesão, o que é relevante para a reflexão sobre as políticas securitárias que tantos danos sociais causam na América Latina.

Morgan Donot analisa *a mise en scène* da causa das Malvinas em discursos políticos de Carlos Menem (1989-1995) e de Néstor Kirchner (2003-2007), ambos proferidos em contextos de crises de grande amplitude na sociedade argentina, com efeito potencial de reunir a população em torno de uma nova concepção de nação. Donot faz sua análise considerando que essa questão se encontra relacionada a formas de pensar, criar e sentir a cultura e a história argentinas, e, também, o nacionalismo. O ponto em comum da retórica dos presidentes encarna a promessa de recuperação de uma grandeza perdida.

Ruth Amossy e Roselyne Koren se questionam: “é possível analisar o discurso político sem levar em conta a argumentação?” (p. 131). Para responder a essa pergunta, as autoras nos apresentam um interessante panorama dos estudos acadêmicos recentes sobre argumentação e retórica, e provam que elas são partes incontestáveis do discurso político. Afinal, na comunicação política, há sempre o objetivo da adesão do público alvo para as ideias propostas. E para isso é necessário convencê-lo.

Ida Lúcia Machado aborda a sedução e a persuasão em pronunciamentos dos ex-presidentes Lula (Brasil) e Sarcozy (França) ao utilizarem narrativas de vida para captar um determinado tipo de interlocutor/a. Para a autora, ambos foram possivelmente motivados “por uma força interna, por sentimentos que todo ser humano abriga em si; mas que, ao mesmo tempo, não deixam de tomar a forma de estratégia para captar a benevolência do outro, do opositor, do detrator” (p. 156). Assim, Ida Lúcia sustenta em suas análises que os discursos tanto de Lula quanto de Sarcozy seduzem porque fazem com que as pessoas se identifiquem com as suas facetas mais humanas.

Carolina Assunção e Alves nos aponta que é possível encontrar possibilidades metodológicas interdisciplinares nos estudos do discurso, quando cruza o universo cinematográfico. A autora analisa como o discurso político aparece no filme “No”, que retrata o importante momento quando um referendo decidiu sobre a permanência ou não do regime político de Pinochet no Chile.

A carta testamento de Getúlio Vargas é analisada por Renato de Mello, que desenvolve reflexões sobre os processos enunciativos e argumentativos com base na retórica e na análise do discurso. O autor coloca a questão da natureza dos argumentos, usados pelo ex-presidente, que se ligam ao *ethos*, ao *pathos* e ao *logos* enquanto mecanismos de prova. Renato Mello sugere com suas análises que Getúlio Vargas, em sua carta testamento, é “convicente, credível e persuasivo” (p. 190).

Marc Bonhomme faz uma análise sobre caricaturas políticas e traça um panorama das pesquisas desenvolvidas nas três últimas décadas, revelando suas principais tendências, e Cristian Plantin, por sua vez, fala sobre argumentação retórica e política e nos situa sobre estudos discursivos desenvolvidos nos últimos trinta anos, apontando os contrastes entre as correntes e métodos de análises adotados na França, nos Estados Unidos e no Canadá.

“Quem somos nós?” é a pergunta que abre o capítulo de Patrick Dahlet. Ele analisa o uso do *nós* nos pronunciamentos após vitórias da presidenta Dilma Roussef e do presidente François Hollande. Assim, o autor destaca a “fachada” do *nós* no discurso político, que ao representar um sujeito coletivo “oculta os tipos de desconhecimentos e de exclusões gerados pela aparente transparência da autossuficiência e da completude relacional” (p. 215).

A propaganda política é o foco da análise discursiva de Paulo Henrique Aguiar Mendes e Máira Avelar Miranda. Com base na teoria cognitiva de Oakley (2009), o autor e a autora desenvolvem uma análise detalhada de uma propaganda política partidária, apresentando alguns aspectos da relação entre cognição e discurso político, com ênfase nos efeitos retóricos de presença e de identificação dramática para o encantamento do público alvo.

Os jornais sempre noticiam discursos políticos, e esse é o tema de investigação de André Willian Alves de Assis. O pesquisador chama de “força irradiadora” a capacidade dos debates político-televisivos de produzir novos gêneros, como notícias de jornais e comentários na mídia, por exemplo, que, posteriormente, irão circular em diferentes mídias. Os jornais, que são o foco de análise dessa pesquisa, se apropriam então dessas falas para se posicionarem e colocarem em circulação frases polêmicas. Com base na teoria de Maingueneau, o autor faz uma análise de sobreesseveração e destacamentos, assim como dos processos de irradiação, circulação e manipulação das falas de políticos na mídia jornalística.

Claudio Humberto Lessa pesquisa dois artigos de dois intelectuais na revista *Occupy*, que produziram ensaios sobre protestos da esquerda conta ações políticas que tomaram as ruas a partir de 2011 (como *Occupy Wall Street*, Primavera Árabe e Ocupa, dentre outros). A revista *Occupy* é uma mídia alternativa que promove a luta social contra a desigualdade social e econômica, causadas pelo capitalismo desenfreado. Analisando ensaios, elaborados por sujeitos com posição acadêmica reconhecida, Lessa observa que há uma escrita marcada por ativismo crítico, politicamente engajada com movimento de esquerda, por sujeitos que participam ativamente do espaço público, ao mesmo tempo em que buscam mostrar um conhecimento científico, técnico e filosófico ao escreverem sobre os protestos.

Antonio Augusto Braighi, Wander Emediato e Elton Antunes pesquisam as publicações do grupo de mídia alternativa *Mídia Ninja*, que se auto intitula jornalismo de guerrilha, transmitindo, de forma engajada, acontecimentos políticos no Brasil e na América Latina. Os autores analisam neste capítulo os pontos que aproximam ou afastam o coletivo do jornalismo de guerrilha, desenvolvendo, ao mesmo tempo, o conceito de jornalismo de guerrilha. Com os subtítulos “por que sim” (p. 320) e “por que não” (p. 321) o Mídia ninja pode ser considerado jornalismo de guerrilha,

o texto vai nos levando a construir o conceito. Se o mídia ninja realiza ou não esse tipo de jornalismo, o/a próprio/a leitor/a pode responder, já que os autores não pretendem dar uma resposta assertiva, mas sim provocar reflexões.

De acordo com Resende e Ramalho (2006), “a ideologia é uma maneira de assegurar o consentimento por meio de lutas de poder levadas a cabo no nível do momento discursivo de práticas sociais” (p. 47). Os artigos dessa obra nos mostram que, independentemente de onde o discurso político seja proferido, ele mantém um alto grau de persuasão atrelado às ideologias locais que se vinculam aos jogos de poder em disputa. E isso é mostrado em percursos metodológicos diversos, com análises de textos materializando gêneros discursivos variados, por pesquisadores/as de diferentes nacionalidades e que atuam em diferentes campos de conhecimento das ciências humanas.

*Análises do discurso político* é uma contribuição acadêmica e social que traz compreensão sobre as complexidades do discurso político e suas possíveis consequências. Fairclough (2016) afirma que o discurso materializa projetos hegemônicos de manutenção do poder, e isso inclui o discurso político, afinal, o discurso político é um dos meios pelos quais os desejos de uma sociedade são manifestados e projetados como uma possibilidade de realização na voz de atores empoderados politicamente, e, por isso, também se transforma num instrumento poderoso de manipulação.

## Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. (1997). *Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- FAIRCLOUGH, Norman. (2016). *Discurso e mudança social*. 2ª ed. Brasília: Editora UNB.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. (2006). *Análise de discurso crítica*. São Paulo, Contexto.
- SÁNCHEZ, F. (1984). *Quod nihil scitur*. Ed. e trad. de S. Rabade, J.M. Artola e M. F. Pérez. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filosofía “Luis Vives”.
- WITTGENSTEIN, L. (1979). *Investigações Filosóficas*. Trad. De Luis Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural.